

# Seamus Heaney – Cavar

Entre o dedo e o dedão a caneta  
Parruda pouosa; como arma pega.

Sob minha janela, um som raspante e claro  
Quando a pá penetra a crosta de cascalho:  
Meu pai, cavando. Olho para baixo.

Até seu dorso reteso entre os canteiros  
Encurvar-se, brotarem vinte anos atrás  
Dobrando-se em cadência nos batatais  
Onde estava cavando.

A chanca aninhada no rebordo, o cabo  
Alçado contra o joelho interno com firmeza.  
Ele extirpava talos altos, fincava o fio luzidio  
Para espalhar batatas novas que colhíamos  
Adorando a fresca dureza nas mãos.

Por Deus, o velho sabia usar uma pá.  
Tal qual o velho dele.

Meu avô cortou mais turfa num dia  
Do que qualquer outro homem no pântano de Toner.  
Uma vez levei leite numa garrafa  
Mal rolhada com papel. Ele aprumou-se  
Para bebê-lo, e em seguida pôs-se a  
Talhar e fatiar com precisão, lançando  
Torrões nos ombros, indo mais embaixo atrás  
Da turfa boa. Cavando.

O cheiro frio de barro de batata, o chape e o trape  
De turfa empapada, os curtos cortes de um fio  
Nas raízes vivas despertam em minha cabeça.  
Mas pá não tenho para seguir homens como eles.

Entre o dedo e o dedão a caneta

Parruda pousa.  
Vou cavar com ela.

**Seamus Heaney, Poemas**